

Armando Guebuza denuncia actuação do inimigo

• Apresentados estrangeiros suspeitos de ligação com os bandos armados

Mais de 10 mil pessoas participaram ontem, no Campo do Ferroviário da Beira, num comício popular, em vésperas do 3 de Fevereiro, Dia dos Heróis Moçambicanos, durante o qual o Tenente-General Armando Guebuza, Ministro-Residente em Sofala, denunciou energicamente a acção sabotadora e desestabilizadora dos bandidos armados e desarmados, que actuam no nosso país, organizados, financiados e comandados pelo regime racista da África do Sul.

Apresentados estrangeiros suspeitos de ligação com os bandos armados, que se encontravam no Campo do Ferroviário da Beira, um britânico e quatro portugueses, residentes na Beira, ora detidos, sobre quem pesam graves acusações de envolvimento em actos de sabotagem ocorridos nos últimos tempos naquela cidade.

O Ministro-Residente disse que esses indivíduos irão ser levados a tribunal para julgamento, o que não impedia que eles fossem apresentados publicamente, por que, tal como frisou, a população tem o direito de ver e conhecer quem é o inimigo.

Foram apresentados Philip Dion Hamilton, de nacionalidade britânica, director da «Freight Services», na altura da detenção; Benjamin Fox Júnior, de nacionalidade portuguesa, chefe de secção da mesma empresa; João Benedito Fernandes, funcionário da mesma empresa, de nacionalidade portuguesa; Alcino da Costa Pinto, de nacionalidade portuguesa e trabalhador da «Companhia do Pnelino Moçambique-Zimbabwe»; e António da Cunha Fonseca, de nacionalidade portuguesa, mestre de barcos de pesca.

Na intervenção do Ministro-Residente em Sofala dividiu-se em duas partes distintas. Na primeira parte, o Tenente-General Guebuza falou dos graves problemas causados pelo mau relacionamento entre os trabalhadores e certas direcções administrativas das empresas. Na segunda parte, referiu-se à actuação inimiga do regime racista de Pretória, através dos bandidos armados, sendo salientado o caso de cinco cidadãos estrangeiros, residentes na Beira, ora detidos, sobre quem recaem pesadas suspeitas de estarem relacionados com actos de sabotagem, ocorridos naquela cidade, nomeadamente a destruição dos depósitos de combustível da Muçanga.

Armando Guebuza foi claro na sua intervenção, quando afirmou que os problemas a serem abordados no encontro, não tinham obter ali a respectiva solução. Ele apontou que esta deverá ser encontrada nos locais de trabalho e de residência, através das Células do Partido Frelimo ou dos Grupos Dinamizadores.

Mas, para o Ministro-Residente em

Sofala, a grande tónica da sua intervenção foi, sem dúvida, o mau relacionamento entre os trabalhadores e certas direcções administrativas de empresas. Isto, disse, deve estar em associação directa com a actuação do inimigo.

Armando Guebuza, aprofundou a sua denúncia, quando disse que há directores de empresas que as transformam em sua propriedade pessoal, fazendo dos trabalhadores seus criados, tal como no tempo colonial, os directores agiam em relação aos seus empregados.

Como é que, na prática, se verifica o mau relacionamento entre os trabalhadores e certas direcções administrativas? A resposta de Guebuza foi peremptória neste ponto:

— Alguns directores de empresas, estão a copiar aquilo que os colonialistas faziam contra o povo e começam a perder a confiança. Quando o director perde a confiança dos trabalhadores, já não pode ser director.

O Ministro-Residente descreveu alguns aspectos deste mau relacionamento. Como exemplos, apontou o desprezo a que são votados os trabalhadores, as punições arbitrárias que são aplicadas, desde suspensões até despedimentos, a falta de respeito de certas direcções em relação aos trabalhadores, os prejuízos causados aos trabalhadores pela falta de aplicação ou aplicação incorrecta do Decreto 4/80, o protecционismo e amiguismo em relação aos Indisciplinados e preguiçosos.

— O trabalhador deve tomar parte

na resolução dos problemas da empresa, deve sentir-se livre, com iniciativa criadora, pois só assim é que a produtividade aumentará e o nosso nível de vida subirá.

Os métodos coloniais de trabalho nas empresas, foram ilustrados ainda com exemplos dados pelo Ministro-Residente. Ele referiu-se, nomeadamente, aos casos das empresas «Manica Moçambique» e «Freight Services», ambas transitárias.

Nessas empresas, disse, são flagrantemente a prática do racismo e a criação de contradições que levam à inimizade entre os povos, nomeadamente entre o Povo moçambicano e o Povo português.

Armando Guebuza esclareceu ainda que tal manobra divisionista constitui parte de um plano gizado pelo regime racista da África do Sul, para criar o ódio entre os moçambicanos e os portugueses.

Na altura, os participantes ao comício exigiram uma punição exemplar para todos os indivíduos, que actuam contra a nossa segurança e a nossa economia, pondo em causa a amizade entre os povos.

No diálogo entre o Ministro-Residente e os participantes no comício surgiu a resposta. Se um «boer», nosso inimigo, for capturado, ou se um português que treinar os bandidos armados, for preso, há que castigá-los exemplarmente para defender a nossa independência e soberania.

ACUSADOS DE LIGAÇÕES COM OS BANDIDOS ARMADOS

Na parte final do comício foram

apresentados a multidão, que se encontravam no Campo do Ferroviário da Beira, um britânico e quatro portugueses, residentes na Beira, ora detidos, sobre quem pesam graves acusações de envolvimento em actos de sabotagem ocorridos nos últimos tempos naquela cidade.

O Ministro-Residente disse que esses indivíduos irão ser levados a tribunal para julgamento, o que não impedia que eles fossem apresentados publicamente, por que, tal como frisou, a população tem o direito de ver e conhecer quem é o inimigo.

Foram apresentados Philip Dion Hamilton, de nacionalidade britânica, director da «Freight Services», na altura da detenção; Benjamin Fox Júnior, de nacionalidade portuguesa, chefe de secção da mesma empresa; João Benedito Fernandes, funcionário da mesma empresa, de nacionalidade portuguesa; Alcino da Costa Pinto, de nacionalidade portuguesa e trabalhador da «Companhia do Pnelino Moçambique-Zimbabwe»; e António da Cunha Fonseca, de nacionalidade portuguesa, mestre de barcos de pesca.

Todos eles são indiciados de fazer parte de uma rede de agentes e colaboradores dos bandidos armados, financiados, organizados e comandados pelo regime racista da África do Sul para realizarem actos de sabotagem e de desestabilização no interior do nosso País.

Sobre Dion Hamilton há fortes suspeitas de ele ser o chefe desta rede e de ligações estreitas com personalidades do ex-regime fascista-colonialista português. Aquando da descoberta desta rede, foram encontradas munições, granadas e armamento, bem como informações sobre as suas ligações com os bandidos armados.